



Um por todos e todos por um: a comunidade de garimpeiros de diamante no município de Três Ranchos-Goiás-Brasil

One for all and all for one: the mining community of the municipality of Três Ranchos-Goiás-Brazil

*Gabriela Guimarães Jeronimo**

RESUMO: Abordamos neste estudo o conceito de comunidade de prática proposto por Eckert e Mc Connell-Ginet (1992) que, ao ser incorporado aos estudos sociolinguísticos, contribuiu significativamente para as pesquisas sobre variação linguística. Para tal, apresentamos uma análise da comunidade de garimpeiros de diamante no município de Três Ranchos, localizado no sudeste do estado de Goiás-Brasil. A atividade desenvolvida por esses garimpeiros era realizada, na época, de forma artesanal e foi interrompida na referida cidade no ano de 1981, devido ao represamento do rio Paranaíba, o que culminou no alagamento dos locais em que eram extraídas as pedras preciosas. No entanto, muitos desses homens, hoje, senhores na faixa de 60 a 80 anos de idade, trazem em sua memória os tempos idos da época do garimpo e tudo aquilo que era, entre eles, compartilhado, como o vocabulário que nomeava as ferramentas de trabalho, a função que cada um exercia em cima da balsa e todo o universo extralinguístico relacionado a essa atividade. Apresentamos, assim,

ABSTRACT: In this study we approach the concept of community of practice proposed by Eckert and Mc Connell-Ginet (1992) which, when incorporated into sociolinguistic studies, contributed significantly to research on linguistic variation. For this, we present an analysis of the community of diamond prospectors in the municipality of Três Ranchos, located in the southeast of the state of Goiás-Brazil. The activity developed by these miners was then carried out artisanally and was interrupted in that city in 1981 due to the impoundment of the Paranaíba river, which culminated in the flooding of the places where the precious stones were extracted. However, many of these men, nowadays in their sixties to eighties, recall in their memory the times gone by in the garimpo era and all that was shared between them, such as the vocabulary that named the tools of work, the function each one exercised over the raft and the whole extralinguistic universe related to this activity. We present, therefore, some lexical units that have led us to the hypothesis that it would be possible to

* Pós-doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. gabriela.ggj@gmail.com

algumas unidades lexicais que nos levaram à hipótese de que seria possível encontrar no repertório dos garimpeiros variação lexical. Além disso, foi possível trabalhar com o conceito de comunidade de prática em um *corpus* constituído pela memória coletiva desses senhores, em que encontramos dados suficientes para uma análise dessa natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Comunidade de prática. Garimpo de Diamantes. Três Ranchos-Goiás-Brasil.

find in the repertoire of the garimpeiros lexical variation. In addition, it was possible to work with the concept of community of practice in a corpus constituted by the collective memory of these gentlemen, in which we find enough data for such an analysis.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Community of practice. Diamond Mining. Três Ranchos-Goiás-Brazil.

1. Introdução

Pretendemos abordar neste estudo o conceito de **comunidade de prática** (*communities of practice*) proposto por Eckert e McConnell-Ginet (1992) que, ao ser incorporado aos estudos sociolinguísticos, contribuiu significativamente para as pesquisas sobre variação linguística.

O foco de nossas análises será uma comunidade de garimpeiros de diamante que exercia suas atividades em Três Ranchos, município localizado no sudeste do estado de Goiás. Os dados que apresentaremos foram levantados do *corpus* de pesquisa disponibilizado em Jeronimo (2014), em que realizamos um estudo *lexicocultural* de cunho descritivo, mas que, neste trabalho, será analisado por uma perspectiva sociolinguística.

Por se tratar de um *corpus* que, a princípio, deveria atender a uma pesquisa na área de Lexicologia, não será possível analisarmos a questão da variação linguística dentro dessa comunidade, pois precisaríamos de um banco de dados mais extenso e de uma pesquisa de campo estruturada metodologicamente para essa finalidade. Outro motivo que nos impede de fazer uma análise dessa natureza é o fato de que a prática do garimpo artesanal, nessa região, não existe mais desde 1981.

Diante disso, temos como objetivo fazer uma reflexão sobre este conceito (comunidade de prática) através do que o *corpus* nos oferece: as narrativas dos entrevistados que, ao buscarem, em sua memória, as lembranças dos tempos de garimpo, trazem informações preciosas sobre tudo o que era compartilhado pelos membros do grupo quando estavam reunidos, tanto no momento da extração das pedras preciosas quanto nas confraternizações e nas horas de descanso. Dito de outra forma, iremos reconstruir a comunidade a partir da memória recontada pelos seus membros.

Para isso, precisamos compreender como essa atividade iniciou-se em Três Ranchos-Goiás, pois foi a partir daí que as comunidades de garimpeiros de diamantes foram se formando e se tornando uma espécie de tradição passada de pai para filho (algo que ficará mais evidente nas narrativas dos entrevistados) até a interrupção da atividade devido à inundação dos locais de garimpo, decorrente da construção de uma usina hidrelétrica (UHE).

Desse modo, na primeira seção, fizemos uma breve retomada da história do garimpo no Brasil, até chegarmos à região de Três Ranchos, para entendermos melhor como sucedeu a constituição das comunidades de garimpeiros nesse local. Num segundo momento, apresentamos os sujeitos da pesquisa ¹e os percursos

¹ Antes de prosseguirmos, entendemos que é importante, logo de início, explicarmos os motivos pelos quais não iremos utilizar o termo *informante* para nos referirmos às pessoas que entrevistamos, uma vez que faremos referência a elas durante todo o texto. Na Antropologia, no início dos seus estudos, assim como em várias outras áreas, essa era a dominação usada, mas após reflexões dentro da Linguística: [...] ficou entendido que o diálogo entre sujeito e objeto é um diálogo entre dois sujeitos. E esse diálogo não é simplesmente uma troca de informações objetivas, mas carrega conteúdos, significantes e significados muitas vezes despercebidos ao nível da consciência pelos sujeitos, além de representar aspectos de poder de um sobre o outro. Assim, as noções de informação e de informante não traduzem todo o significado possível daquilo que se chama de diálogo. Ao contrário, reificam ou objetivizam uma relação que tem muito de subjetiva e é muito mais profunda e complexa. [...] Assim, a suposta troca de dados objetivos é um contínuo diálogo de subjetividades que não são representativas tão somente dos sujeitos em pauta, mas daquilo que eles representam naquele momento, especialmente de suas culturas [...].

metodológicos e, por fim, realizamos a discussão do conceito de *comunidade de prática* simultaneamente às análises dos excertos que foram selecionados para este estudo.

2. Sobre garimpeiros e diamantes

Sabemos que a atividade de extração de minerais é antiga. No Brasil, ela teve início com a chegada dos *portugueses* no século XVI, especialmente no interior do estado que hoje conhecemos por Minas Gerais e, posteriormente, espalhou-se pelas demais regiões interioranas do país, como nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Vale chamar a atenção para o fato de que, naquela época, a mineração era a única atividade de extração autorizada pelos colonizadores, ao passo que a garimpagem surgiu, com este nome, através de um ato de subversão às leis do fisco estabelecidas pela Coroa, quando muitos trabalhadores esperavam por um momento oportuno para extrair o mineral desejado (inicialmente, o ouro) sem passar pela fiscalização. Dessa forma, escondiam-se nas grimpas² e, livres da possibilidade de serem descobertos, saíam para trabalhar por sua conta, em lugares de difícil acesso, pois “[...] As terras diamantinas, além de extensas, eram muito acidentadas e, em vários lugares, quase intransitáveis [...]” (MACHADO FILHO, 1964, p. 12). Assim apareceram os primeiros garimpeiros em terras brasileiras.

A exploração dos minerais começou pelo litoral e, apenas algum tempo depois, outras regiões foram “descobertas” e exploradas pelos bandeirantes que, autorizados pela Coroa portuguesa, se embrenharam mata adentro com a missão de escravizar os nativos e procurar por novas minas.

² Lexia que, provavelmente, motivou o surgimento de outras, como em *garimpeiro*, *garimpo* e *garimpagem*, como podemos constatar através da definição encontrada no dicionário: “[...] antepositivo, prov. do fr. *grimper* 'trepar, subir, elevar-se com o auxílio das mãos e dos pés, estender-se progressivamente para cima', f. nasalizada de *gripper* ver ¹*grip-*; ocorre em vocábulos dos XIX em diante (salvo *grimpa*, doc. desde o Renascimento): [...] *grimpador*, *grimpagem*, *grimpamento*, *grimpante*, *grimpar*, *grimpo* [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Dentre as regiões do interior para a exploração de minérios, estava o estado de Goiás (na época conhecido como a terra dos *Goyases*), que em 1748 se tornou capitania independente de São Paulo e, em 1822, foi elevada à situação de província. Trilhando o mesmo caminho das bandeiras e passando pela Estrada Real³, chega-se ao sudeste goiano, especificamente em uma das regiões que faz divisa com estado de Minas Gerais, corruptela e ponto de pouso para os tropeiros que por ali passavam com suas boiadas, geralmente com destino a São Paulo. Trata-se, aqui, do município que, desde antes de sua emancipação política⁴, era chamado de Três Ranchos.

Antes de prosseguirmos, é importante abrir um parêntese para explicarmos um detalhe a respeito da questão da ilegalidade em torno da profissão de garimpeiro, pois há pouco afirmamos que essa atividade era considerada ilegal na época da colonização.

Sabemos que uma sociedade passa por modificações, seja em seu meio cultural, seja em seu meio sócio-histórico, de modo que outras ideologias são inculcadas, produzindo ou alterando alguns conceitos preestabelecidos. Isto não seria diferente com relação ao garimpeiro, pois, como o Brasil não era mais colônia de Portugal, o garimpo e o contrabando, nesse sentido (garimpar escondido do fisco da coroa), já não cabiam mais nesse novo contexto. Porém,

[...] o nome de garimpeiro não foi substituído por outro e ficou designado o pequeno explorador das lavras, que, agindo em liberdade e dentro da lei, jamais perdeu suas características inconfundíveis, encarnando um dos tipos mais interessantes de nossa terra [...] (MACHADO FILHO, 1964, p. 16).

³ “[...] foi o único [caminho] permitido pela Coroa Portuguesa durante um longo tempo, justamente pelo temor do “descaminho” das riquezas que eram exploradas em Goiás [...]” (SOUSA, 2012, p. 18).

⁴ Até 1953, Três Ranchos era considerado um bairro pertencente ao município de Catalão-Goiás, algo que pode ser comprovado através de registro lavrado em cartório – para maior esclarecimento, ver Melo (2008, p. 13-16).

No encalço do que afirma esse estudioso, percebemos ter havido uma pequena mudança no significado desse item lexical em razão, especialmente, dos acontecimentos históricos da Proclamação da Independência do Brasil.

Voltando para a nossa retomada histórica, é importante saber que, além da construção da ferrovia, inaugurada em 1944, que durante o tempo de seu funcionamento ligou Três Ranchos à Angra do Reis, e da atividade com a quebra do coco do babaçu, realizada em sua maioria por mulheres, por volta do ano de 1930, emergia outra atividade de onde os moradores do lugar e de outras regiões tirariam seu sustento: a garimpagem.

Vale ressaltar que Três Ranchos, juntamente com Grupiara, Cascalho Rico e Estrela do Sul (municípios mineiros), constituíam a Província Diamantífera do Alto do Paranaíba, como informa Sousa (2012). Inclusive, a referida província vinha sendo explorada desde a época em que a extração do diamante se iniciou no Brasil, tanto que “[...] A primeira notícia da existência de diamantes no Paranaíba está registrada no ‘Memorial da Fazenda Sacco’, de 1898 [...]” (MELO, 2008, p. 22). Entretanto foi a partir da década de 30, no século XX, que se teve notícias de pedras encontradas nos arredores de Três Ranchos.

Nas terras trirranchenses, especificamente, segundo relatos dos senhores ex-garimpeiros e moradores mais antigos, o primeiro garimpeiro que pegou diamantes na região foi um estrangeiro chamado Zé Italiano, de quem não se teve mais notícias, pois sumiu sem deixar maiores esclarecimentos. Depois que a informação a respeito da existência das pedras se alastrou, o fluxo de moradores aumentou consideravelmente; vieram garimpeiros de todas as partes interessados em fazer fortuna devido à notícia dos *bamburros*⁵, principalmente de Baliza-Goiás, município

⁵ “encontrar por bambúrrio (‘acaso’) ouro, diamantes ou outras pedras preciosas, e enriquecer” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

que faz divisa com Mato Grosso, onde os trabalhadores garimpavam nas águas do rio Araguaia, como foi o caso de um dos senhores que foram entrevistados.

Outro dado histórico recorrente na fala dos sujeitos deste estudo é que o garimpo em Três Ranchos começou mesmo com os Pereiras, informação que coincide com os relatos de Melo (2008), ao afirmar que em 1940 chegou à cidade Miguel Pereira e sua família, trazendo equipamentos modernos para aquela época, dentre os quais, o escafandro.

Contam os ex-garimpeiros que essa família, inicialmente chefiada por Miguel, foi a maior dona de garimpo, principalmente após a descoberta da *Mancha Velha* em 1944 (mesmo ano da inauguração da ferrovia), onde, segundo esses senhores, se encontrava diamante até na escuridão da noite. Depois veio Roldão Pereira, seu filho, dando continuidade ao trabalho do pai, e, assim como ele, lucrou bastante, abrindo, naquela ocasião, uma casa de lapidação na cidade. Seguindo os mesmos passos do avô e do pai veio Eurípedes Pereira, que além do gosto pelo garimpo, chegou a ser prefeito⁶ da cidade de Três Ranchos (1989-1992).

A partir daí, a garimpagem tornou-se um dos principais meios de sustento dos moradores da cidade e, com o fluxo de pessoas chegando de vários lugares, não foi apenas a população que aumentou, mas a economia também, graças à abertura de bares e armazéns. Esses acontecimentos nos mostram a importância dessa atividade para Três Ranchos, inclusive a influência em sua emancipação.

No que se refere à forma com que a extração era feita, a mais utilizada na região era o garimpo de escafandro ou mergulho, que acontece no leito do rio, porém em lugares mais profundos, em que o garimpeiro utiliza um equipamento de mergulho (escafandro) para sobreviver no fundo por muitas horas.

⁶ Ver no site do Portal da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás <http://www.assembleia.go.gov.br/deputado/perfil/deputado/1581>

Os equipamentos trazidos por Miguel Pereira eram considerados modernos para aquela época, mas, ainda assim, a atividade era realizada de forma rudimentar, visto que o escafandro permitia o mergulho em lugares mais profundos, mas a extração ainda era feita manualmente, daí a necessidade de reunir um grupo com cerca de oito a doze homens, pois quanto maior a profundidade, mais pessoas para formarem o que eles nomeavam como *escala*⁷.

Outro acontecimento histórico que é importante lembrar e que afetou de forma definitiva tanto a atividade com o garimpo quanto a vida dos moradores da cidade foi o represamento do rio Paranaíba para a construção da UHE no ano de 1981. Com as regiões de garimpo submersas a mais de 200 metros, o costumeiro era que esses homens seguissem à procura de outros lugares para tentar a sorte; no entanto, a maioria permaneceu na cidade e, para seu sustento e sustento da família (no caso daqueles que haviam se casado), teve que passar a exercer outras profissões.

Naquela época, não faltaram oportunidades de emprego e procura de mão de obra, porque, em virtude do represamento, um lago se formou nos entornos do município, nomeado Lago Azul, o que transformou o lugar em um ponto turístico bastante conhecido e visitado por muitos anos: “[...] muitos dos antigos garimpeiros de Três Ranchos se dispõem a trabalhar como serventes, cozinheiros, caseiros, jardineiros, vigilantes etc., provocando-lhes um tipo de banimento [...]” (SOUSA, 2012, p. 130).

Dessa forma, pudemos entender o porquê de já não ser possível encontrar essa comunidade em atividade, mas encontramos muitos de seus membros ainda vivos, com um saudosismo muito latente em suas falas e, talvez por isto, tenham preservado tão bem aqueles tempos do diamante em sua memória, como se estivessem, ali, reunidos em cima da balsa em busca de seus sonhos e ambições, que no *virar da peneira*, poderiam se materializar de várias formas, cores, tamanhos e valores.

⁷ Faremos uma explicação mais aprofundada sobre esse assunto na próxima seção.

3 A comunidade de prática e os garimpeiros de diamante

(...) Aí, eu vô te contá uma história que tinha uns garimpero cunversano... um investigadô perto {...} investigadô iss'é história, sabe {...} intão é... o garimpero chegô foi contá o caso pu ôto... intão ele chegô e diz assim: '*Nóis chegamo, jogamo o cipó*'. Que[r] dizê, nóis já sabe que é o cabo de aço, né, naquele tempo, nóis usava um cabo pá atravessá o rio e amarrá a balsa no lugá que ia trabaiá, cê entendeu? Intão, falô assim: '*Nóis chegamo jogamo o cipó... depois mandamo o pau*'. Pau é a escada. '*Jugamo o pau, eu arriei, disci, cheguei lá puxei a vaca*' (risos) {...} a vaca, cê sabe quê que nóis falava a vaca assim, purque nóis trabalhava cum saco de sola, saco de coro, intão falava puxô a vaca {...} cê entendeu? 'tão num tem nada a ve[r], mais nóis sabe {...} chegô lá... é, cumé que fala? '*Puxei a vaca, dei sinal, ês puxaro o coro*'. Desse jeito, rastaro o coro... matei o pau... quando fala matei o pau é uma canoa, quan[d] nóis inchia uma canoa de cascalho [...] falava que a canoa tava morta {...} é inveis de falá matô a canoa, matei o pau... foi lavá o diamante, apanhô... o cara num sabia quê que era (risos) {...} lavá o cascalho {...} o diamante apanhô, que[r] dizê, saiu né, fala apanhô... é tud'é esses tipo de coisa (G5E1⁸).

Como trataremos do conceito de *comunidade de prática*, começamos com esse trecho do início da entrevista com um dos senhores que conversaram conosco, em que ele conta um episódio em que alguns garimpeiros queriam falar sobre o que havia acontecido no garimpo, mas, devido à presença de um fiscal no estabelecimento onde estavam, utilizaram uma espécie de código linguístico que apenas quem estava envolvido com a lida no garimpo seria capaz de entender. Desse modo, podemos iniciar nossa discussão para entendermos o porquê de podermos considerar esse grupo de garimpeiros uma *comunidade de prática*.

Inicialmente, com os estudos realizados por Labov, em meados de 1960, utilizava-se nas pesquisas sociolinguísticas o conceito de *speech community*

⁸ Quinto garimpeiro, primeira entrevista, em 5 de dezembro de 2012, na varanda da casa dele, na cidade de Catalão-Goiás. Natural de Três Ranchos, 79 anos.

(comunidade de fala), o que suscitou inúmeras discussões teóricas quanto à sua definição e aplicabilidade nos estudos sobre variação e mudança linguísticas.

Com o desenvolvimento da Sociolinguística e o interesse por parte de alguns estudiosos, como Ercket e Mc Connell-Ginet (1992), o conceito de *comunidade de prática* foi acrescentado à teoria, pois “[...] dentro de uma mesma comunidade, observa-se a existência de sub-comunidades [...]” (WIEDEMER, 2008, p. 7) ou o que Vanin (2009) chama de *microníveis* de uma *comunidade de fala*. Esta trata de um grupo mais abrangente, em que não há necessidade de todos os membros estarem envolvidos uns com os outros ou de se conhecerem. Ao contrário, tanto no caso da *comunidade de prática* quanto da *social network* (rede social), é preciso que haja um envolvimento entre os membros do grupo, por isto, quando o pesquisador opta por trabalhar com um desses conceitos, ele se envolverá com algo mais restrito e específico.

Miriam Meyerhoff (2003) explica que a *comunidade de prática* consiste em um grupo de pessoas que se envolve de forma engajada em prol da realização de alguma atividade, seja algo que exija um esforço físico, como o garimpo, ou mental, como o próprio exemplo da autora, ao citar um grupo de chefes de departamento que se reúnem regularmente para discutir o direcionamento de verbas. Essa mesma exemplificação foi utilizada por Meyerhoff (2003) para ressaltar o fato de que a relação entre os membros de uma *comunidade de prática* nem sempre será harmoniosa. O foco está no motivo pelo qual essas pessoas estão envolvidas numa mesma atividade e, vale enfatizar, devendo haver uma regularidade nesses encontros, que funcionam como uma espécie de “manutenção” do que está sendo compartilhado, principalmente no que se refere às formas linguísticas em todos os seus níveis, dos fonético-fonológicos aos léxico-discursivos.

A autora ainda chama a atenção para os três critérios básicos que devem ser abordados ao trabalharmos com essa concepção: *mutual engagement* (engajamento mútuo), *jointly negotiated enterprise* (empreendimento negociado em conjunto) e *shared*

repertoire (repertório comum). Iremos explicar melhor esses critérios com base nos dados que selecionamos. Apresentaremos, agora, os entrevistados que nos falaram sobre o garimpo e um breve relato sobre a pesquisa de campo.

Com a ajuda de moradores da cidade e dos próprios entrevistados, fizemos o levantamento das fontes orais. Foram entrevistadas 13 pessoas: 10 senhores que garimparam em Três Ranchos, uma senhora cujo marido morreu garimpando, outro que, naquela época, foi fornecedor no garimpo e, por último, um morador da cidade que, quando criança, conviveu com os garimpeiros ainda em atividade, antes do represamento do rio Paranaíba. Todos numa faixa de 60 a 80 anos de idade, em sua maioria semianalfabetos, exceto o último (possuía segundo grau completo), que tinha 48 anos e era dono de um estabelecimento no centro de Três Ranchos.

Em seguida, elaboramos um roteiro de perguntas direcionadas, pois nossa pesquisa não consistia em trabalhar com uma narrativa totalmente livre, mas com as memórias voltadas especificamente para o ambiente de garimpo, o que não impediu que os entrevistados falassem de suas vivências e que o roteiro nos servisse como um recurso para nos auxiliar nos momentos em que o assunto se desviasse muito do tema principal: o garimpo.

Posteriormente, realizamos as primeiras visitas, na companhia de Simone Aparecida Arruda, já conhecida pela maioria deles e cuja presença contribuiu bastante para que fosse adquirida a confiança necessária para o consentimento da entrevista. No entanto, em algumas visitas, precisamos arriscar e fazer sozinhos o primeiro contato e, para nossa surpresa, fomos bem recebidos, mesmo que, no início, alguns demonstrassem um pouco de apreensão. Nas últimas, fomos acompanhados por uma jovem moradora, neta de um dos entrevistados, que também conhecia muitos dos informantes que procurávamos e se ofereceu para ajudar em nossa pesquisa de campo.

As entrevistas foram agendadas e marcadas para serem realizadas no lugar de preferência dos entrevistados, geralmente em suas residências, algumas localizadas

em Três Ranchos e outras em Catalão (alguns deles se mudaram após o alagamento dos garimpos). Assim, a pesquisa de campo se desenrolou com grande tranquilidade e, por alguns momentos, descontraidamente, quando os entrevistados começavam a contar as histórias de garimpo relembrando as brincadeiras e as peças que eles pregavam uns nos outros, de forma que o aparelho de gravação se tornava, no desenrolar de suas narrativas, um detalhe despercebido, que vez ou outra tinha sua presença notada novamente, mas logo esquecida. Realizada essa etapa, fizemos a transcrição gráfica, em que tentamos ser o mais fiéis possível ao que nos foi dito.

No que se refere à organização no garimpo, geralmente havia um *fornecedor*, dono da máquina (escafandro, a bomba que gerava o oxigênio, as canoas), para quem os garimpeiros iriam trabalhar. Como nos foi informado, este iria ao garimpo somente para a divisão do lucro, em que 50% eram destinados a ele e a outra metade ao garimpeiro que havia encontrado a pedra. Por isso, o *fornecedor* procurava por um garimpeiro de sua confiança, na maioria das vezes experiente, cuja função seria gerenciar a balsa, selecionar os demais para compor a *escala* e fazer a verificação quanto à segurança do lugar escolhido para a extração das pedras, sendo este o primeiro a mergulhar e responsável por solucionar qualquer problema que acontecesse.

Nessa *escala*, cada um exercia uma função, mas havia uma rotatividade. Na medida em que o mergulhador, que estava no fundo extraindo o seu cascalho, voltava para a superfície, as funções mudavam. Este iria para a última função, que era a de *bombeiro*, responsável pelo fornecimento de oxigênio para quem estava mergulhando, e o próximo a descer era o *mangueireiro* (responsável pela vigilância da mangueira por onde o ar fornecido pelas bombas chega até o garimpeiro que está trabalhando).

Na sequência, estava o *canoeiro*, que ficava posicionado em cima de uma das canoas emparelhadas ao lado da balsa, onde era feita a separação do cascalho bom das pedras inúteis; ele seria o próximo a ir para o ofício de *mangueireiro*. Nessa mesma canoa, ficava também o *corre-dinheiro*, que deveria estar atento aos sinais que o

mergulhador enviava através de uma corda que ficava presa ao saco em que se depositava o cascalho para, posteriormente, ser puxado para cima.

O próximo passo era separar o cascalho diamantífero do que era inutilizável. Ele deveria ser depositado na outra canoa, onde se encontrava o *parasita*, cuja responsabilidade era jogar esse material num local bem distante, para não *sujar o serviço*. Para auxiliá-lo nesse trabalho, havia o *vice-parasita* (a penúltima posição da escala), que, além disso, mantinha-se à disposição dos *bombeiros* caso precisasse revezar em lugares onde a realização da extração era muito profunda e um número maior de homens era necessário para tocar a bomba.

Os entrevistados nos explicaram também que, às vezes, surgiam imprevistos, de modo que nem sempre a escala corria nessa ordem. Acontecia de algum garimpeiro *jogar o capacete*⁹ (desistir de descer); aí se negociava com um companheiro de balsa o chamado *mergulho a vinte e cinco* ou *descer a vinte cinco*, em que o outro mergulhava em seu lugar e, no final, ficava com metade do lucro do que desistiu.

Noutras ocasiões, ocorria de o mergulhador (em alguns casos, inexperiente) descer, mas não conseguir extrair nada e, imediatamente, retornar, perdendo a sua vez, o que eles chamam de *suicidar o mergulho*. Havia também a *troca de escala*, um acordo entre os garimpeiros de trocarem de função dentro de uma determinada escala. Com imprevistos ou não, essa movimentação da escala com as trocas de funções recebeu o nome de *o correr a escala*.

Externamente, havia o cozinheiro que não mergulhava, mas, como pagamento, tinha direito a dez sacos de cascalho por dia, e o *capangueiro* “[...] pequeno comerciante que comprava do garimpeiro o produto de suas faisqueiras [...]” (MACHADO FILHO, 1964, p. 14), que aparecia apenas no dia da *lavagem do cascalho*, quando tinham notícias do *bamburro*. Dessa forma, ficava organizado o garimpo, como nos disse um dos garimpeiros: “apesar de se[r] um serviço rústico, até funcionava direitinho” (G3E1).

⁹ Referência ao capacete de bronze do escafandro.

Voltando para os três critérios básicos em uma abordagem do conceito de *comunidade de prática*, começemos pelo primeiro: *mutual engagement*. Como mencionamos anteriormente, nem sempre esse envolvimento acontecerá de forma harmoniosa; o importante é que os membros estejam reunidos em prol de um único propósito. Isso acontecia entre os garimpeiros que, como veremos, estavam intensamente envolvidos.

De modo geral, a relação entre a turma que era selecionada para formar a *escala* era harmoniosa, mas mesmo quando existia alguma inimizade entre alguns deles, o foco estava no trabalho, como explica um dos entrevistados:

[...] que mesmo o camarada não combinano cum ôtro, sendo inimigo e tal, inimigo não, assim, num se dava bem, num falava um cum ôtro, na hora da responsabilidade dele... não tinha pirigo, ninguém vingava do ôtro no serviço [...] (G3E1).

Através desse excerto, notamos que a partir do momento em que os garimpeiros se reuniam para trabalhar, todos estavam engajados num único propósito, deixando as desavenças de lado, pois, como explicamos anteriormente, o garimpeiro que estava no fundo dependia do cuidado dos que estavam em cima da balsa. Desse modo, era preciso que existisse muita confiança entre eles, por isso a mesma turma costumava ser mantida sempre. E quando acontecia de algum deles despertar certa desconfiança, o gerente deveria tomar as providências necessárias para a segurança de todos, como nos foi contado:

Uai, eu num sei, assim, do pessoal assim muito pra fora comé que, é, usa né, aqui a gente confiava qu'era a mêma coisa, a gente conhicia todo mundo, era família misturado, era quase tipo de irmão e a gente confiava um no ôtro né, mais quando vinha uma pessoa de fora o cara já ficava de ôi {...} já ficava assim, a gente num conhicia né, sempre as pessoa já ficava assim meí reservada com aquela pessoa, té cunhecê ele bem sabe? {...} conhicia, virava assim a mêma coisa, é (G10E1).

Desse modo, percebemos que o envolvimento entre os integrantes da comunidade era intenso e, em alguns casos, havia laços de parentesco, pois como a atividade se tornou uma das únicas formas de subsistência, na época, os pais ensinavam os filhos o ofício, e assim sucessivamente.

Outro traço que evidencia a intensidade dessas relações é o fato de que, mesmo fora do ambiente de trabalho, a turma continuava unida, visto que após receberem a parte que lhe cabia no lucro, partiam para a cidade para usufruírem, juntos, do dinheiro das pedras. Alguns faziam as despesas do mês, outros gastavam tudo com bebida e mulheres e, na segunda-feira, retornavam ao garimpo.

Além disso, acontecia de alguém não ter sorte naquela semana e não encontrar nada em seu cascalho. Quando ocorria esse tipo de situação, todos se reuniam para pagar as despesas do companheiro. Também no caso de algum membro da turma ser ameaçado ou se envolver em uma briga com uma pessoa de fora, todos se colocavam a postos para defendê-lo. É o que podemos constatar no trecho que segue:

às veiz tava garimpano lá, eu pegava uma pedra, que às veiz nós tava aí cum treis, quato meis ninguém sem pegá nada, eu pegava uma pedra de diamante, nós vinha almuçá cá turma de deiz homi, um punhado na maq[ui]n lá né, intão nós vinha, chegava aí, eu fazia a dispesa tudo no bar pra ês {...} não, é... gastava (*risos*) aí quando, quando se'e vortava na segunda-fera, quando falava no sábado, o ôto já tinha pegado, chegava, fazia a merma coisa, qu'era a mêma coisa duma irmandade {...} mêma coisa duma irmandade, se impurrasse a mão num assim podia contá cum resto, era uma irmandade {...} é tudo unido (G7E1).

Desta forma, no que diz respeito ao primeiro critério, podemos afirmar que havia um engajamento mútuo entre os membros da comunidade, pois o envolvimento dos integrantes ali era intenso e, inclusive, se estendia a outras ocasiões fora do ambiente de trabalho.

Partindo para o segundo critério: *jointly negotiated enterprise*, Meyerhoff (2003) explica que, além de um envolvimento mútuo, é necessário que haja um objetivo a ser

alcançado, uma vez que “[...] É a busca desse empreendimento que cria relações de responsabilidade mútua entre os participantes [...]” (MEYERHOFF, 2003. p. 396, tradução nossa)¹⁰. Segundo a autora, é preciso também que o objetivo esteja bem definido dentro da comunidade, como acontece no garimpo, em que era notável que todos os envolvidos tinham um propósito muito específico: garimpar para encontrar diamantes.

[...] intão... a gente esperava baxá o ri[o] aí que a gente ia pu garimpo né, mais a depois que parava o garimpo a gente trabaia im vários serviço né {...} eu pur exempo trabaiei em muitos serviço {...} tinha a ép[oc]a [...] o garimpo cumeçava im... meis de... março e terminava dezembro, aí cumeçava as chuva né, o ri[o] inchia e com ri[o] chei’ a gen[te] num merguia né, pirigoso... corre muita maderá, roda, ’tão aí a gente ‘É vamo guardá a trai’ (risos) a gente ia como diz o ôto, guardá a traia e esperá par’o ano né, e ficava naquela ansiedade que chegasse o ôto ano, tava doido pa i[r] ’tra veziz {...} doido pra i[r] sofrê, era um sofrimento, ma[s] doido pa sofrê {...} era bão dimais, lá nós era feliz e num sabia, sabe? Garimp’ é muito bom (G6E1).

Como podemos perceber pelo trecho, não havia outro motivo pelo qual esses homens esperavam ansiosamente pela estiagem dos rios, com a chegada da época da seca, quando as águas eram mais mansas. Eles queriam *tirar a sorte grande*, encontrar o diamante que havia aparecido em seus sonhos durante a noite. Às vezes se tornava até uma obsessão, o que eles denominavam de *cegueira*.

[...] a gente concentra tanto no garimpo... gente cumeça ’té adivinhá, cê vê... parece, sei lá, ’tendeu? Pur exemplo, meus, cada... pessoa, cada garimpero tinha um sonho... falava sonho chave... ‘Ah, eu num tô sonhando e tal’, num pegava, o dia que a gente sonhava falô: ‘Vo[u] pegá porque sonhei’ [...] eu sonhasse cum cavalo alazão ou roxo, principalmente eu passano a mão nele ‘Opa! Eu vo[u] pegá um diamante hoje’. E pegava... é incrive né? [...] (G5E1).

¹⁰ “[...] It is the pursuit of this enterprisethat creates relationships of mutual accountability among the participants (Wenger, 1998: 77-8) [...]” (MEYERHOFF, 2003. p. 396).

[...] aí ês cumeça a tirá aque[la]s pedra grande por cima, tirá no sari' disintuiá, hora que tá quais chegado no cascái... vem a chuva, dá uma enchente e tampa aquilo tudo de novo ês vem imbora, aí ês fica 'O *diamante tá lá, o diamante tá lá, o diamante tava lá, nóis foi pegá... Ah, eu vô voltá lá o ano que vem e disintuiá'*, aí ia implorá cum fornecedô fulano de tal, com ôto, intão ele ficava inceguera, isso chama ceguera, ele ficava com aquilo na cabeça, aquil'era uma ceguera que ficava lá {...}e num tirava aquilo da cabeça [...] (M1E1).

Como nos mostram os excertos acima, o propósito desses homens era o mesmo: todos estavam empenhados em **bamburrar**, mesmo que fossem gastar tudo, por acreditarem que sempre iriam conseguir mais de onde haviam saído as últimas pedras e, no outro dia, voltassem para o mesmo ponto em que estavam para procurar pelos diamantes.

O último critério, *shared repertoire*, é o ponto em que os linguistas irão se concentrar, pois é aqui que chegamos ao resultado quanto ao que esse envolvimento intenso em prol de um objetivo específico é capaz de construir. Assim, o repertório compartilhado é resultado, mas é também condição para a inserção no grupo e para a própria manutenção/sobrevivência deste (com seu engajamento mútuo e objetivos conjuntamente negociados). Esse repertório comum pode se manifestar na linguagem, isto é, nos recursos linguísticos que são compartilhados pelos membros da comunidade, nos códigos (verbais e não verbais), na indumentária, no gestual etc.

Apesar de que não iremos fazer uma análise de variação e mudança linguísticas, como já explicamos anteriormente, a pesquisa inicial que realizamos com este *corpus* tinha o foco justamente de analisar o repertório dos garimpeiros. A hipótese que conseguimos comprovar é que se trata de um vocabulário específico criado e compreendido apenas por quem estava envolvido com a atividade de alguma forma, o que fica evidenciado no excerto que utilizamos para iniciar esta seção. Dessa forma, podemos demonstrar que há um repertório comum no que diz respeito ao nível lexical.

Como dissemos, existe um vocabulário que, além da necessidade cognitiva de apreensão da realidade, é resultado também da interação dessas pessoas que se reuniam, ali, em cima da balsa, para buscarem os diamantes tão esperados. Alguns desses itens lexicais são os nomes das funções da escala que já mencionamos.

No inventário que fizemos, foram identificadas 118 unidades lexicais, sendo 28 delas topônimos de lugares em que havia garimpos e que foram nomeados pelos garimpeiros.

No caso de algumas, temos a hipótese de que poderíamos estar diante de uma variação lexical, isto é, os falantes de uma mesma comunidade utilizando-se de nomes diferentes para designar o mesmo elemento extralinguístico. No entanto, a dimensão do nosso *corpus* não nos permite fazer uma afirmação, mas, pelo que coletamos, pode se tratar de uma possibilidade a ser investigada mais profundamente, como nos casos de *cascalho surucado*, *cascalho despedrado* ou *cascalho desemburrado*, três itens lexicais utilizados para nomear o mesmo referente, momento em que “ele já é penerado lá, tirado as pedra maior, nós falamo surucado né, o cascalho saía já no jeito de i[r] pá lavadera todo despedrado né, a canoa {...}” (G3E1).

Em *correr a traia*, *correr o trecho* ou *mudar de trecho*, como no caso analisado acima, também temos três unidades lexicais para nomear um único referente: “É quando tá acampado num lugá, aí num tá prestano falava ‘Vamo corrê pra, corrê o trecho’, é pra baxo, pa riba, saía” (G9E1). No primeiro caso, era dito dessa maneira, porque todas as vezes que se deslocavam para outro lugar, as ferramentas (a tralha) deveriam ser recolhidas, então se utilizava um desses três nomes, mas todos com o mesmo sentido.

Garimpo de escafandro, *mergulhar a saco* ou *garimpo de leito* era o mais praticado em Três Ranchos; inclusive boa parte dos itens lexicais pertencentes a este *corpus* é utilizada especificamente nessa forma de garimpar, como as funções da escala: “O garimpo de iscafandro ele sai lá do fun’do ri[o] vai pro barranco e tal, ele beneficiado im cima lá da balsa” (G3E1).

Temos em *matar a canoa, matar o cocho, matar o pau* ou *canoa morta* outro caso em que mais de uma lexia nomeia o mesmo referente. Aqui era o momento em que a canoa já estava com o espaço para cascalho esgotado, “Aí hora que inchia uma canoa... na nossa language é canoa morta, sabe. {...} matô a canoa” (G3E1).

Suruca, surucona ou *surucão* são três dos itens léxicos que nomeavam a peneira mais grossa utilizada ainda no leito do rio, “Porque a pinera, a pinera é grossa, essa, essa num vai pa lavá não, ess’ é só lá im riba da canoa {...} grossa assim, ó (*gestos*) passa as pedra desse taman[ho] só” (G8E1).

Diante das análises que fizemos, podemos dizer que a *comunidade de prática* dos garimpeiros de diamante existiu e, de certa forma, ainda existe nas falas desses homens que conservam os tempos de garimpo em sua memória como se fosse o sonho que tiveram durante a noite com a pista da pedra tão desejada.

5. Considerações finais

Como vimos, a garimpagem é uma atividade antiga no Brasil e, em Três Ranchos, exerceu um papel importante para a emancipação política do município, bem como para a sobrevivência da maioria dos moradores do lugar.

Naquela época, a extração era realizada manualmente. Os garimpeiros que optavam pelo garimpo de leito contavam com auxílio de uma bomba que era tocada manualmente para fornecer o oxigênio e o escafandro, um instrumento de mergulho. Sendo assim, era necessário formar um grupo com cerca de oito a doze homens para formarem a *escala*. Dessa forma, as *comunidades de prática* de garimpeiros de diamante foram se formando.

Vimos também que o conceito de comunidade prática foi englobado à Sociolinguística como mais uma alternativa para as análises sobre variação e mudança, em que três critérios importantes devem ser observados pelo estudioso que decidir abordar essa perspectiva.

Enquanto nas *comunidades de fala*, devido à sua extensão, um envolvimento intenso entre todos os seus membros seria impossível, nas *comunidades de prática* isso é essencial, e o engajamento mútuo entre seus integrantes é o primeiro critério a ser observado. No garimpo, percebemos que todos da turma estavam muito envolvidos, de forma que o convívio se estendia para os momentos fora do ambiente de trabalho.

O segundo critério se refere ao objetivo em comum que todos os membros devem compartilhar, e que no caso da comunidade analisada, era extrair o diamante ou, como eles preferem dizer, *bamburrar*.

O terceiro e último, e talvez o mais importante deles do ponto de vista da Linguística, é o repertório em comum, pois é a partir do que encontraremos aqui que poderemos ou não realizar um estudo linguístico. No caso dos dados que apresentamos, de fato, os garimpeiros possuem um vocabulário específico que foi passado de geração em geração e que, provavelmente, passou por modificações a nível diacrônico, pois estamos lidando com uma atividade muito antiga.

No entanto, não fizemos uma análise aprofundada sobre variação e mudança devido à extensão do *corpus*, pelo fato de a atividade ter sido, de certa forma, extinta em consequência do represamento do rio Paranaíba para a construção da UHE e, também, por causa das inovações tecnológicas. Hoje, mesmo que o garimpo ainda fosse praticado nessa região, seria de outra forma, com outras ferramentas. Entretanto, apresentamos algumas unidades lexicais que nos levaram à hipótese de que seria possível encontrar no repertório dos garimpeiros variação lexical.

Acreditamos que, mesmo se tratando de uma comunidade que não está mais em atividade, é válido sabermos que um dia ela existiu e que muitos daqueles que faziam parte desse grupo ainda estão vivos para nos contar sobre o passado que ficou submerso pelas águas do Lago Azul.

Além disso, vale ressaltar que foi possível trabalhar com o conceito de *comunidade de prática* em um *corpus* constituído pela memória coletiva desses senhores, em que encontramos dados suficientes para uma análise dessa natureza.

Referências

ECKERT, P.; MC CONNELL-GINET, S. **Think practically and look locally**: Language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology*. v. 21, p. 461–488, 1992. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.21.1.461>.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. DOI <https://doi.org/10.17979/rlex.2003.9.0.5582>.

JERONIMO, G. G. **As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos**: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981). 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, 2014. DOI <https://doi.org/10.5327/z2176-947820170076>.

MACHADO FILHO, A. da M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1964.

MELO, I. C. de. **Tropeirismo em Três Ranchos**: passagens e memórias. 2008. 60 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2008.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (ed.). **The language handbook of variation and change**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 395-410.

SOUSA, J. L. V. de. **Pobres garimpeiros de riqueza**: a geografia dos diamantes em Três Ranchos-Goiás. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2012. DOI <https://doi.org/10.5212/rlagg.v.3.i2.150154>.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. *In*: **Acta Scientiarum**: Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009. Disponível em:

<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/6367/6367i>.
Acesso em: 12 de dez. de 2018. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v31i2.6367>.

WIEDEMER, M. L. As faces da comunidade de fala. *In: Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewFile/810/865>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Artigo recebido em: 12.12.2018

Artigo aprovado em: 10.06.2019